ANNO XXIII DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 10 DE JULHO DE 1904 — N. 1036 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 257

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

As Congregações em França

Chegámos ao regimen da *separação da Egreja do Estado.*

Esta lei é de 17 de setembro de 1794, como já vimos.

A lei do 3 Ventôse anno III, (21 de fevereiro de 1795) publicada, com todas as outras, que constituem a legislação revolucionaria d'esse periodo, no n.º 253 d'este periodico, foi uma verdadeira carta d'alforria para a Egreja catholica. O antigo clero constitucional reorganisou-se rapidamente á sombra d'ella, por iniciativa dos bispos Grégoire, Saurine, Gratien, Royer e Desbois, que a 25 do mesmo Ventose, do referido anno, (17 de março) publicaram uma *encyclica,* á qual adheriram 35 dos seus collegas, fundando, para dirigir a opinião, a revista *Annales de la Religion,* hoje d'alto valor historico, e que durou até 1803.

Os padres rebeldes, que estavam proscriptos, esses regressaram á França em grande numero, affluindo ás grandes cidades, sobretudo a Paris. Mas, como de costume,—d'isto é que os homens que se dizem liberaes nunca se deviam esquecer—só usaram a liberdade, que se lhes concedia, para prégarem o desprezo da Republica e a desobediencia ás leis, o que levou Rewbell, Thibaudean, e, principalmente, Chénier, a pedirem na tribuna medidas especiaes contra elles. «Desenganemo-nos, dizia Chénier, o padre, em regra, é inimigo mortal da democracia. Não basta desprezar o fanatismo. E' preciso perseguil-o, attingi-lo, abate-lo.»

A *Convenção,* porém, não prestou ouvidos a estas reclamações, antes, a 30 de maio de 1795, (11 prairial) publicou uma lei mais liberal ainda que a de 21 de fevereiro, porque, por ella, nem sequer o *acto de submissão ás leis da Republica* era imposto aos padres que exercessem as suas funcções em edificios particulares. Nem por isso elles deixaram de gritar contra a *intolerancia,* a *tyrannia,* a *perseguição,* propagando e espalhando por toda a parte, como até ahi, o espirito de anarchia e a desordem.

Então a *Convenção,* reconhecendo que as medidas de tolerancia e doçura não davam nada, recorreu, de novo, a medidas de rigor, e fez publicar as leis de 6 de setembro (20 fructidor anno III) e 29 de setembro (7 vendémiaire anno IV).

O *Directorio,* que succedeu á *Convenção,* mantendo os principios liberaes, por ella estabelecidos, manteve tambem os principios de rigor a que as circumstancias a obrigaram, aggravando-os ainda. Assim, pelo decreto de 8 ventôse anno V (27 de fevereiro de 1796) promettia 100 francos de premio a quem entregasse um emigrado, ou um padre, sujeito a deportação; a 22 germinal (11 de abril) fazia votar uma lei prohibindo o uso dos sinos e de toda e qualquer fórma de convocação publica para as ceremonias do culto; a 16 de abril obtinha outra lei condemnando á morte *todo aquelle que provocasse attentados contra o governo republicano e contra a segurança individual e publica.* Ao mesmo tempo, fazia julgar e guilhotinar varios padres.

Como o papa persistia na sua guerra feroz á Revolução, o Directorio mandou contra elle Bonaparte, que o reduziu a pedir obediencia. Bonaparte, porém, logo ahi atraiçoou a Republica, tratando o papa com immerecida benevolencia, na esperança de lhe captar as sympathias para o futuro.

O clero constitucional tentou, em seguida, chegar a um accordo com a Santa Sé. Baldado esforço. Os padres rebeldes receberam essa tentativa com zombarias de toda a especie.

Como consequencia, o Directorio redobrou de rigor. Expulsou e prendeu todos os padres, que, até ahi, se tinham negado a prestar o juramento de obediencia ás leis. Condemnou muitos á morte. Deportou outros para a Guyana, onde não tardaram a morrer.

A 28 de dezembro de 1797, as tropas pontificias assassinaram, no proprio palacio da embaixada franceza, Duphot, um dos generaes da Republica. Logo o exercito d'Italia, commandada por Berthier, se dirigiu a Roma, onde entrou em 10 de fevereiro de 1798. Cinco dias depois era proclamada a Republica Romana. Pio VI, feito prisioneiro, foi transferido para Florença, depois para Parma, depois para Valença, onde morreu.

Emquanto se davam estes acontecimentos, o *Directorio* continuava, no interior da França, a sua vigorosa politica anti-clerical. O *décadi* (o ultimo dia da decada do calendario republicano) foi, de novo, com todo o rigor, tornado obrigatorio, não só para as auctoridades constituidas, para as escolas publicas e particulares e para os tribunaes, como, até, para os industriaes e os commerciantes. N'esse dia paravam todas as industrias, fechavam todas as lojas, com excepção das pharmacias, padarias, dos talhos, e outros estabelecimentos indispensaveis á subsistencia publica. Ninguem trabalhava.

Os padres, furiosos, tentaram, no anno VII, um levantamento na Belgica, recentemente annexada á França. O *Directorio* reprimiu a revolta com mão de ferro. Todo o clero belga, em massa, foi desterrado. Mais de 6:000 padres se acharam proscriptos d'um instante para o outro.

E' n'este momento que o odio das facções consegue derribar o Directorio, pelo golpe d'estado do ambicioso Bonaparte. E começa o *Consulado.*

Duas vezes a França errou o seu caminho. Com a revogação do Edito de Nantes e com o Desoito Brumario. Renegando o *livre exame,* a tolerancia religiosa, e renegando a *liberdade.*

Nos protestantes tinha as forças vivas da nação. A grande maioria dos *intellectuaes,* sábios, litteratos, jurisconsultos, etc; a maioria da pequena nobreza provincial; a immensa maioria dos commerciantes e industriaes; uma parte dos pequenos negociantes e a maioria dos operarios das cidades.

Francisco I tinha todo o interesse, proclamando a Reforma, em se unir á Allemanha e á Inglaterra contra a Hespanha e contra a Austria. Seria o verdadeiro chefe do protestantismo na Europa. Intelligencia curta, espirito futil, não o comprehendeu assim, e lançou-se nos braços de Roma.

Henrique II, Francisco II, Carlos IX e Henrique III continuaram essa obra desgraçada. Henrique IV, porém, podia e devia reparar o desastre. Depois dos protestantes terem já dictado a lei, por mais do que uma vez, no campo da batalha, uma série de victorias conduz o Bearnez ás portas de Pariz. Mas então, facto incrivel que só a falta de genio póde explicar, Henrique de Navarra cahe de joelhos para apostatar. Sem conseguir evitar, sequer, com esse acto ignobil e estupido, a faca homicida, e regicida, que os padres metteram na mão de Ravaillac!

Comtudo, o Edito de Nantes conserva ainda o espirito sábio, audacioso, emprehendedor da Reforma. Era muito, para um Bourbon. Luiz XIV completa a obra nefasta do avô, perseguindo a ferro e a fogo, até o inutilisar, até o extinguir, todo esse espirito brilhante, todo esse thesouro de actividade e de saber, que se concentra nos descendentes dos antigos huguenotes.

A Revolução parece querer redimir a França, salva-la do erro enorme commettido pelos Valois e pelos Bourbons. Ao mesmo tempo que os republicanos conservam e manteem a liberdade de cultos, dando exemplo de tolerancia e cordura, castigam severamente os abusos dos padres, arruinando a Egreja de Roma.

«Senhores, dizia Jules Roche n'um discurso pronunciado na camara em 11 de novembro de 1882 (vide o bello livro *Le Budget des Cultes—La Séperation de l'Église et de l'État*) ha uma dupla lenda sobre a separação da Egreja do Estado. Por um lado pretende-se que a separação da Egreja do Estado foi a organisação da perseguição religiosa, que foi Bonaparte quem levantou os altares, quem abriu os templos aos que tinham necessidade de adorar uma divindade; por outro lado pretende-se que a separação da Egreja do Estado deu, sob o ponto de vista republicano, sob o ponto de vista revolucionario, o unico que nos interessa, os resultados mais deploraveis e mais perigosos, que fortificou a Egreja perdendo a Republica completamente.

Tenho ouvido sustentar esta these. Todavia, essa lenda é absolutamente opposta á realidade dos factos. Os cultos não foram perseguidos, antes, nunca foram mais livres do que então; e esse regimen de liberdade, bem longe de ter fortificado essa instituição politica que é inimiga do Estado e da sociedade civil, essa instituição que se chama a Egreja romana, arruinou-a completamente.»

Debidour confirma esta affirmação.

«Bonaparte affirmou, cem vezes, que tinha restabelecido os altares em França, e essa opinião tem curso, ainda, em grande parte do publico. Nada mais longe da verdade. No começo do anno V (setembro de 1796) 32:214 egrejas estavam em poder do clero catholico, e 4:571 em vesperas de lhe serem entregues. Um anno mais tarde, no concilio de Paris, Lecoz, bispo constitucional de Rennes, consignava, com alegria, que 40:000 parochias francezas, estavam previdas de padres, algarismo que elle dava ainda como exacto, em 1801, nas vesperas da *Concordata.*»

Da separação da Egreja do Estado resultou a ruina da democracia? Resultou o triumpho da Egreja?

Teria sido então o poder civil mais forte, mais respeitado, mais acatado por todas as seitas, por todos os cultos, do que nunca?

Formulámos estas perguntas no n.º 253 do nosso semanario. A resposta completamo-la hoje. Ao mesmo tempo que a Republica manteve a mais completa liberdade de cultos, reduziu a Egreja de Roma, com a sua formidavel energia em castigar a clericalha, em impôr-lhe obediencia e respeito com mão herculea, á mais completa ruina.

Foi preciso que Bonaparte atraiçoasse o seu juramento para que se perdesse o fructo d'essa grande conquista.

Dois apostatas—Henrique IV e Bonaparte—desviaram a França do seu glorioso caminho. Os dois reis de que ella mais se orgulha—Luiz XIV e Napoleão—foram, precisamente, os que mais prejudicaram e atraiçoaram os seus destinos.

Oxalá que Combes consiga traze-la, emfim, á estrada ampla, e larga, da civilisação.

Duello de morte, o que vem travado ha seculos. E' urgente o desenlace. Ou espirito moderno vence e esmaga o clericalismo, ou podemos lavrar o epitaphio na sepultura da França, como povo triumphador, como povo progressivo.

Ou morre o clericalismo definitivamente, ou morre a democracia para sempre.

Não ha meio termo.

Que se não illudam muitos pataratas que entre nós se dizem republicanos.

E voltaremos ao assumpto.

Republicanos do Porto

A *Commissão Municipal* republicana do Porto elegeu para a sua commissão executiva os srs. Paulo José Falcão, Antonio Luiz Gomes e Duarte Leite Pereira da Silva.

Esta commissão iniciou os seus trabalhos convocando um comicio, onde foi discutido o *monopolio da viação.* Durante o comicio, varios oradores pronunciaram-se pelo principio democratico da municipalisação dos serviços publicos.

Bello principio, não ha duvida. Mas n'um paiz de *burocratas,* onde o lemma indiscutivel é que quem rouba ao estado ou ao municipio vae para o céo, e que trabalhar pouco é o primeiro e mais rigoroso dever de quantos comem á meza do orçamento, é preciso começar pela propaganda dos bons costumes.

Com tudo, o principio é bom, é excellente. Não póde deixar de se defender.

Seja como fôr, nós applaudimos calorosamente os republicanos do Porto. Por elles são hoje todas as nossas sympathias. N'elles confiamos, como os mais intrépidos e ousados.

Se a revolução não vier do norte, escusamos de esperar que venha do sul.

A PROPOSITO D'UM DUELLO

Do sr. general Constantino de Brito recebemos a carta que se segue, que gostosamente publicamos:

Sr. redactor.—Não imagina a satisfação com que li as grandes verdades que sustenta no artigo—*Na Cochinchina*—do seu apreciado jornal de 26 de junho.

«O valor, o verdadeiro valor está em combater aquillo que repugnando a consciencia de todos, todos acceitam como bom. O duelista fingindo que não tem medo, não é senão um medroso. Tem medo das criticas que o cercam. E não ha medo mais repugnante, como não ha coragem egual á do homem que investe denodadamente com a injustiça, com a mentira, com a hypocrisia, com a infamia sempre que a encontre, e onde quer que a encontre.»

Acho mesmo que o homem não é digno de ser considerado como tal, quando sacrifica as suas convicções aos preconceitos extranhos, e quando não é a rasão que o guia em todos os seus actos.

Emquanto forem sacrificadas a Rasão e a Verdade, jámais se conseguirá o progresso da humanidade, e emquanto todos se curvam aos preconceitos da barbarie, a civilisação continuará a ser uma hypocrisia.

Desde que se formou a minha rasão, tenho procurado sempre conciliar os meus actos com a minha consciencia; e nunca mais me curvei, sem protesto, diante do despotismo, e sem me inquietar com as consequencias, o que me tem produzido varios dissabores, mas que me tem permittido o bem estar de não ter a propria consciencia a accusar-me, e a condemnar-me.

Permitta-me que transcreva o trecho de um artigo que publiquei na *Revista Internacional,* de setembro do anno findo:

«Os antigos consideravam a coragem como a qualidade essencial do homem, mas a verdadeira coragem não consiste na fanfarronada, nem na temeridade, mas em praticar, em todas as circumstancias, o dever do homem justo, não obstante os riscos a que se exponha, e as consequencias que d'ahi possam resultar.

E' um erro suppôr que não se póde ser corajoso, senão n'um campo de batalha.

Ha a coragem contra nós proprios que nos faz triumphar dos nossos defeitos, do nosso cynismo, dos nossos accessos de colera, e sem a qual não haveria progresso moral, nem grandeza moral.

Ha a coragem contra o soffrimento phisico.

Ha a coragem obscura, muitas vezes heroica, d'aquelles que se sacrificam pela familia com provocações de todo o genero.

Ha a coragem do desdem pela opinião publica, quando esta se desvia, contentando-nos com a approvação da nossa consciencia.

Segundo as idéas modernas, ha a coragem mais difficil, mais rara e mais admiravel que todas as outras, a coragem *civica e moral,* a do homem que, não obstante as ameaças, as violencias e os perigos, defende, por toda a parte e sempre, o direito e a justiça; que não ce-

uendo nem ao interesse, nem ao medo cumpre briosamente o que julga ser o seu dever, que desafia a impopularidade, que desdenha a calumnia, despreza os insultos e as vociferações, e segue o seu caminho direito, apesar de tudo. E' a coragem do homem que, diante do abuso da força, protesta com energia, e recusa submetter-se á tyrannia e á iniquidade. E' a coragem de todos aquelles, obscuros ou celebres, que, collocados entre o interesse e um dever difficil ou perigoso, entre a equidade e a injustiça, entre a verdade e a mentira, marcham sem temor para onde os chama a sua consciencia de homens justos».

Calcule por isso v. o jubilo e o orgulho de que me enchi, ao vêr confirmado o meu sentir com a sua opinião esclarecida e considerada.

Tenho a honra de ser

De v. etc.,

29 de junho de 1904.

CONSTANTINO DE BRITO.

Bernardino Machado

Foi á Povoa de Varzim, fazer uma conferencia democratica, este eminente e notabilissimo professor e publicista.

O sr. dr. Bernardino Machado veio prestar ao partido republicano o alto serviço de o *accordar*. Foi s. ex.ª quem iniciou o periodo das conferencias, quem abriu a era do trabalho. Com toda a auctoridade e prestigio do seu nome.

Serviço relevantissímo, n'esta hora triste, á democracia portugueza.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje, das 7 ás 9 da noite, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «Carmen», selection da opera (Bizet). «Les Fleurs», suite de walsas (Waldteufel). «Dinorah», selection da opera (Meyerbeer). «Musica classica», zarzuella (Chapi). «Gentil», polka (Branco). Ordinario.

A Companhia dos Phosphoros

Escreve-nos mão anonyma a dizer-nos que a *Companhia dos Phosphoros*, escolhendo para seu advogado o sr. dr. Affonso Costa, só teve em mira pôr do seu lado, a imprensa republicana, ou, pelo menos, obter o seu silencio.

Não acreditâmos. Nem a imprensa republicana ficaria sem dizer a verdade quando a tivesse a dizer.

Pelo nosso lado, póde estar certo o anonymo de que nunca deixaremos de cumprir o nosso dever. Não conhecemos essas questões. Não as estudámos ainda. Poderemos, pois, peccar por ignorancia. Por má fé, nunca.

Segunda via ferrea entre Espinho e Aveiro

A Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguez vai proceder muito brevemente ao assentamento da segunda via ferrea entre Espinho e Aveiro.

Depois de concluida, o serviço dos comboios rapidos entre Lisboa e Porto será de quatro horas, e a marcha dos comboios de mercadorias devidamente accelarada.

Fallecimentos

Acaba de fallecer no Porto o conego Alvim, tio e cunhado dos nossos amigos Oscar Manuel Guedes Alvim e Manuel Guedes Alvim, a quem inderessamos o nosso cartão de condolencia.

*

Tambem alli falleceu o conego Alves Mendes, conhecido orador sacro e que muitas vezes prégou em várias egrejas d'esta cidade.

O analphabetismo NO EXERCITO

Em circular de 27 de maio de 1902, dirigia-se a Associação dos Jornalistas de Lisboa a todos os periodicos do paiz, pedindo-lhes que cada um expozesse os meios que se lhe afigurassem praticos para extinguir, *ou ao menos reduzir*, o analphabetismo.

Já a essa data o capitão Homem Christo tinha feito a sua primeira experiencia em infanteria n.º 14, e era devido, sobretudo, á propaganda feita por elle, propaganda activa em varios jornaes do paiz, que voltava a discutir-se o gravissimo problema do analphabetismo.

Querem saber, porém, como o nosso jornalismo encara estas questões, o nosso jornalismo, que se vem queixando agora da falta de consideração de que gosa entre nós?

Um dos signatarios da circular era o sr. Lourenço Cayola, director do *Jornal*. Pois o *Jornal* foi o periodico que mais combateu o ensino das primeiras lettras no exercito, pela fórma preconisada pelo capitão Homem Christo.

Dizendo isto não queremos melindrar e muito menos censurar ninguem. O caracter d'estes artigos é perfeitamente impessoal. Apreciamos os factos, taes quaes elles são, tirando-lhes as legitimas e logicas consequencias, no uso plenissimo de um direito que ninguem nos póde contestar. Nada mais.

O *Jornal* queria o mal *cortado pela raiz*. O capitão Homem Christo, no dizer d'elle, *só o cortava pela rama*. Pois os que queriam o mal *cortado pela raiz* nunca mais déram accordo de si. Nunca mais! O capitão Homem Christo, esse continuou arrancando todos os annos alguns portuguezes á sua profunda ignorancia, e, com elle, seguindo-lhe o exemplo, outros officiaes do exercito portuguez.

Nunca mais, nunca mais ninguem ouviu falar nos que queriam *o mal cortado pela raiz*. Nunca mais a *Associação dos Jornalistas* falou em analphabetismo. Nunca mais se soube o que era feito do famoso inquerito, dirigido por ella a todos os periodicos do paiz.

Vejam que paiz este. E que jornaes!

E' que nem sequer se dão ao trabalho de noticiar os esforços feitos para extinguir o analphabetismo em Portugal.

Em Infanteria 23, além dos brilhantes resultados obtidos no exame de 1.º cabo, as companhias ensinaram a lêr, escrever e contar, pelo methodo de João de Deus, varios analphabetos, ponto restricto a que havemos de dedicar um artigo especial. Quantos jornaes noticiaram o facto? Quantos?

E quer o jornalismo portuguez que o tomem a sério!

A *Associação dos Jornalistas*, perfilhando as palavras d'um artigo do *Diario de Noticias*, queria saber os meios praticos de extinguir, *ou ao menos reduzir*, o analphabetismo em Portugal? Indicou-lhe o capitão Homem Christo o meio mais pratico d'essa reducção. Tão pratico que vem sendo realisado, no meio da indifferença d'uns e da hostilidade d'outros, com excellentes resultados, confirmados officialmente, por varios officiaes e sargentos do exercito portuguez. Já se não póde attribuir o exito apenas ao *espirito sectarista* do capitão Homem Christo. Tão pratico, que sendo os resultados excellentes, não custa *cinco réis* ao thesouro publico. Quatro centas escolas se pódem crear d'um instante para o outro, com magnificos professores, sem lhes faltar coisa nenhuma, e não despendendo com ellas a nação um real.

O que fez a *Associação dos Jornalistas* d'esse meio pratico?

Nem a elle se referiu, na maioria, na grande maioria dos seus periodicos.

Vejam que zelo, que patriotismo, que sinceridade!

Podia estimular os officiaes. Podia fazer propaganda a favor do ensino obrigatorio por companhias no exercito. Era o seu rigoroso dever, principalmente depois de andar com circulares e inqueritos. Nem pio! Só teve energia e solidariedade para condemnar ao ostracismo o emprezario Taveira, que teve a audacia de consentir que no salão do seu theatro se dissesse mal dos jornalistas.

Só para isso!

Rhetorica e interesse. E' o que se vê. Interesse individual, interesse mesquinho. Muito adjectivo, muita baboseira, soffreguidão em agarrar a dente o primeiro bocado que apparece. Mas trabalho util, trabalho sério, d'alcance, mas um bocadinho de abnegação, mas um bocadinho de interesse pelo bem geral, o sacrificio d'uma unha, isso de modo algum.

Terreno safaro, que nada produz!

E' de fazer recuar o mais teimoso. Nem assim, porém, pela nossa parte, recuaremos.

Antes queremos morrer luctando, que viver vencido.

A nossa carteira

Partiu para Luzo o sr. Amadeu Madail, filho do sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madail, digno official da secretaria do governo civil d'esta cidade.

*

Está em Esgueira a restabelecer-se da doença que ultimamente o accometteu, o sr. general Bento de Moura, pae do sr. dr. Alvaro de Moura de Almeida d'Eça, muito digno professor do lyceu d'esta cidade.

*

Partiu quinta-feira para o Bom Jesus do Monte, onde conta demorar-se alguns dias, o sr. José Mariani, dono da importante fabrica de fiação e tecidos, das Devezas.

*

Tem estado doente na sua casa da Figueira da Foz, o sr. João Jacintho Fernandes. Desejemos-lhe prompto alivio.

*

Estiveram n'esta cidade os srs. Manuel Marques d'Almeida Bastos, importante capitalista e proprietario, d'Ilhavo, dr. Abilio Gonçalves Marques, conceituado clinico da Oliveirinha, e Manuel dos Santos Patto, negociante do Troviscal.

*

Tambem ésteve em Aveiro o sr. dr. Manuel Homem de Mello, deputado da nação.

*

Fez annos a sr.ª baroneza da Recosta, esposa do sr. Mario Duarte.

*

Das Thermas de Melgaço, regressou o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, digno official da secretaria do governo civil.

*

Encontra-se n'esta cidade, vindo de Lisboa, o nosso patricio e amigo sr. Antonio Maria Ferreira, bemquisto industrial e capitalista.

CASA

VENDE-SE uma na rua de Jesus, em frente do sr. dr. Carvalho. Quem a pretender dirigase a Joaquim Gafanhão, na Costeira.

CONFERENCIAS REPUBLICANAS

O sr. dr. João de Menezes, director do *Debate*, iniciou em Lisboa uma série de conferencias, notaveis pelo assumpto, e pelo espirito de critica e estudo que revelam no seu auctor.

Ora é exactamente d'isto que precisa o partido republicano, e é o que nós andamos a reclamar ha muitos annos. No livro, no jornal, na conferencia, mas, sobretudo, no jornal e na conferencia, mais ao alcance do grande publico, é indispensavel que os republicanos tratem os graves problemas sociaes da actualidade, instruindo os que não sabem e inspirando confiança aos que sabem.

Porque é este o duplo caracter, util e agradavel, d'essa propaganda.

Desde que o partido republicano falou na sua reorganisação que nós lhe dizemos d'aqui: entrem em nova vida, sigam outros processos, ou não fazem nada. E essa nova vida é trabalhar. E esses processos differentes é collocar sinceramente o amor dos principios, e o bem do paiz, acima dos despeitos dos homens e dos interesses e rivalidades das facções.

Trabalhar com tino, com acerto, com consciencia, com abnegação e com actividade. Saber quaes são as necessidades reaes do paiz e qual a melhor maneira de as satisfazer. Estudar os importantes problemas da vida moderna e vêr até que ponto, e em que condições, elles são adaptaveis a Portugal.

Dizer-se—e era esta a palavra d'ordem do republicanismo indigena—que a evolução está feita e que só precisamos da revolução, é tudo quanto ha de mais imbecil, quanto ha de mais estupido. Comtudo, era esse o pregão dos nossos republicanos, e ainda hoje muitos d'elles, incluindo alguns que se dizem eminentes, não querem, nem conhecem outra regra!

N'um paiz com oitenta por cento de analphabetos e desoito por cento de meios analphabetos,—não será muito pouco admittir que só dois por cento dos portuguezes sejam homens verdadeiramente cultos—considerar feita a evolução para a passagem consciente de um regimen de arbitrio, de iniquidade, de poder pessoal, para um regimen puramente democratico, é d'aquellas baboseiras que nem se discutem.

Porque a verdade é esta: é que em Portugal não ha cultura nenhuma. Os analphabetos são a grande, a enorme maioria. Mas ignorantes é quasi tudo. Não basta saber lêr, escrever e contar. Não basta mesmo saber francez ou mathematica. E' preciso muito mais. E este *muito mais* é que falta a quasi todos. Falta em quantidade e falta em qualidade. Ha o maior desprezo pelas questões da vida publica, as questões de valor capital para o interesse commum.

Quem escreve estas linhas já uma vez contou aqui, n'este mesmo *Povo de Aveiro*, que estando a conversar n'um grupo, de que fazia parte um estudante classificado em mathematica na Universidade de Coimbra, e falando-se do 19 de maio, o estudante lhe perguntara, muito admirado, *o que vinha a ser isso do 19 de maio*. Tambem já contámos aqui que um outro estudante, ainda da faculdade de mathematica, tão apreciado pelos seus professores que tinha obtido n'um exame d'aquella faculdade 19 valores, nos perguntara um dia se o duello era prohibido em Portugal.

Quem viver algum tempo em Coimbra, e conversar com os estudantes de todas as faculdades, pasma, peor, horrorisa-se! da tremenda ignorancia de que elles dão provas. Para elles toda a sciencia consiste em saber chimica, physica, mathematica, direito penal, direito commercial, emfim, o preciso para passar nas cadeiras que frequentam. E mais nada. Absolutamente mais nada. Nada mais lhes interessa. De mais nada querem saber.

Ao sr. dr. Daniel de Mattos, que é, todavia, um homem eminente, a cuja sciencia e a cujo caracter toda a gente presta homenagem, ouvimos nós, n'um discurso proferido n'uma das sessões do congresso contra a tuberculose, falar com o maior desdem da politica e dizer que era coisa com a qual se não importava para nada. Com tudo, a politica é a verdadeira sciencia dos povos. Tanto, que se poderia responder, com razão, ao sr. dr. Daniel de Mattos, que se s. ex.ª se não importava com a politica bem podia, tambem, deixar de se importar, completamente, com a tuberculose. A questão das subsistencias, a questão da habitação, a questão do vestuario, a questão da hygiene, do tabaco, do alcool, do proprio ar que se respira nos centros de população, são, todas ellas, questões essencialmente politicas. Quem quizer tratar a tuberculose a sério ha de trata-las a ellas. Isto é, antes de ser medico é indispensavel ser politico. Como antes de ser engenheiro, advogado, militar ou cavador de enchada.

Ora com o criterio do sr. dr. Daniel de Mattos, que é, infelizmente, para maior desgraça nossa, o criterio dos homens de mais valor moral e intellectual n'este paiz, com a ignorancia profunda da historia dos povos, das questões sociaes de maior transcendencia, que demonstram as classes mais cultas do paiz, como se vê do que deixamos dicto sobre os estudantes de Coimbra, os moços esperançosos, no dizer da rhetorica, que hão de ser os dirigentes de amanhã, como crusar os braços e declarar feita a evolução?

Não póde ser. Nem podemos considerar terminada a evolução, nem podemos cahir no pessimismo doentio dos que julgam esta raça uma raça perdida, uma raça anniquilada, uma raça liquidada. Porque n'esta affirmação erronea, senão asnatica, cahem tambem muitos dos homens mais eminentes do paiz.

Liquidada como? Perdida porquê?

Só poderiamos chegar a essa conclusão depois de a termos collocado em condições de se manifestar. Mas se em cada cem habitantes, oitenta não sabem lêr, nem escrever, quinze sabem apenas lêr, escrever e contar, tres sabem physica, mathematica, chimica, ou qualquer especialidade, mas mesmo isso de uma fórma confusa ou accentuadamente theorica, ignorando tudo o mais, e só os dois restantes, se tanto, são verdadeiramente cultos, ou possuem, pelo menos, aquella cultura que se torna indispensavel para o bom funccionamento das sociedades?

Não. E' estupidez concluir que um povo, ao qual faltam todos os elementos de successo, de exito, de triumpho na vida moderna, é um povo inferior, anthopologicamente condemnado. Para o concluirmos seria necessario fazer-se a experiencia em condições de egualdade com outros povos europeus. E essa experiencia não se fez. Nem, por muitas razões que não são agora para aqui, se póde argumentar, a favor da nossa supposta inferioridade, com a circumstancia de outros povos terem conseguido os elementos de progresso e de civilisação mais rapidamente do que nós.

O que teem, pois, a fazer os democratas, é o que o sr. João de Menezes está fazendo. Trabalhar pela evolução é, e da maneira mais efficaz e segura, trabalhar, ao mesmo tempo, pela revolução. Tambem não viram isto os patetas que proclamavam que estava feita *a evolução*.

O partido republicano tem de abandonar de vez, se quer impôr-se e triumphar, a sua politica negativa, miseravelmente negativa, dissolvente e anarchica. Até aqui a sua acção tem sido muito mais funesta do que benefica. Destruiu idéas e principios velhos sem lhes substituir idéas e principios novos. Concorreu poderosamente para este desvairamento, esta anarchia brava em que se dissolve a sociedade portugueza. Não basta gritar

contra o rei, chamar ladrões aos ministros, incitar á rebellião e á desordem, chorar a sorte de todos os assassinos e pedir a cabeça de todos os tyrannos. E' preciso moralisar, educar, orientar os que não sabem, mostrar-lhes, com segurança, onde está a verdade e onde está o erro, dar-lhes novas luzes, servir-lhes de guia consciente, de guia seguro, e inspirar, d'esse modo, confiança á minoria dos que valem, que nem por ser uma minoria pequenissima deixa de constituir, como succede com todas as minorias que possuem a força enorme da intelligencia e do saber, o factor decisivo no grande problema politico e social da patria portugueza.

Applaudimos, pois, o sr. João de Menezes, que se distingue no partido republicano por um criterio frio e sereno que não é nada vulgar, e estimaremos que todos os novos, como elle, lhe sigam o exemplo.

O aspecto das vinhas

Dizem de Mogofores que as vinhas estão formosissimas. Procede-se á redra e á terceira sulfatação. Pelo desenvolvimento dos cachos, presume-se que a vindima será este anno muito mais cêdo. A não sobrevirem contratempos imprevistos, a colheita na Bairrada será abundante em todos os concelhos que formam esta importante região vinhateira. O vinho novo baixou para 1$500 por 20 litros. E' procurado para consumo local e para as povoações do littoral, que, quanto mais sardinha apparece, e agora tem sahido muita, mais vinho consomem.

*

De Albergaria-a-Velha dizem tambem que o aspecto dos vinhedos é encantador; porém, os cachos que não foram convenientemente enxofrados, começam agora a soffrer as consequencias do *oidio*. O preço do vinho tende a baixar, pois já se vende em quasi todas as tabernas da villa a 100 réis o litro.

ELEIÇÕES EM AVEIRO

Diz a *Soberania do Povo* que sempre pensou que os republicanos da cidade, e arredores, fossem mais do que os 193 que concorreram á urna. Ora o que nós pensavamos, tambem, era que a *Soberania do Povo*—permitta o collega que lh'o digamos—julgava estas coisas por melhor criterio.

Alguns dos republicanos de Aveiro proclamaram a sua *grande victoria* aos quatro cantos do paiz. Tolice, é claro. Rapaziadas. No partido republicano, temo-lo dicto muita vez, até os velhos são meninos. Infelizmente. Mas a *Soberania do Povo*, vindo, como desforra, amesquinhar todos os republicanos do concelho, escrevendo, sarcasticamente, que foi *surpreza* saber-se que *n'uma cidade tão populosa e de tradicções liberaes tão distinctas ha apenas cento e tantos republicanos*, tambem deu provas de meninice. Tenha paciencia.

A verdade é que se a eleição não despertou enthusiasmo nos monarchicos tambem não despertou enthusiasmo nos republicanos. Bastaria o collega attentar, um instante, na attitude d'este semanario, que é, ninguem o duvida, um orgão, d'alguma importancia, da opinião republicana.

N'uma eleição renhida, é certo que alguns dos 193, que votaram a lista republicana, a não teriam votado. Mas tambem é certo, certissimo, que a iriam votar outros que agora lá não foram. A *Soberania do Povo* não o ignora.

Escrevemos nós aqui que seria bom votar a lista republicana, para evitar *um desastre*, desde que estava resolvida a intervenção eleitoral. Mas logo affirmámos que não iriam á urna, nem muitos dos proprios republicanos agremiados, nem a maioria d'aquelles que não teem os nomes nos registos do partido. Isto em todo o paiz. Não tratavamos especialmente de Aveiro. E, por nós, quando lembrámos a conveniencia de ir á urna fizemo-lo sem enthusiasmo, por simples descargo de consciencia. Bastava a abstenção dos republicanos do Porto, entre os quaes estão os elementos que nos merecem mais confiança e sympathia, para que da nossa parte não podesse haver enthusiasmo algum. Somos, em principio, contrario ás abstenções, que só muito excepcionalmente admittimos. Mas dado o retrahimento dos republicanos do Porto, a eleição nem sequer poderia tomar o aspecto d'um plebiscito democratico. Ir á urna, nas condições estabelecidas, só tinha uma vantagem: evitar um completo desastre.

Assim encarámos o facto. Como nós, assim o encararam outros. E essa simples consideração não era de natureza a despertar o menor estimulo. D'ahi abstenções inevitaveis. Em Aveiro não só houve abstenções, como entre ellas se pódem contar as de republicanos de alguma influencia. E nenhum dos proprios que foram á urna trabalhou azafamadamente, ao que nos consta.

Eis a verdade. Se foi exaggero inadmissivel considerar a votação republicana em Aveiro uma *grande victoria*, não é menos inadmissivel aquilatar a força dos republicanos locaes pelos votos que appareceram na urna.

Uma tolice não justifica outra tolice.

Nas circumstancias que se déram, a votação dos republicanos d'este concelho em vez de se considerar mesquinha póde, mesmo, considerar-se honrosa.

Sejamos verdadeiros e justos acima de tudo, que a mentira e a especulação, venham de quem vier, não honram, nem enganam ninguem.

Cartas d'Algures

8 DE JULHO.

Continuam na ordem do dia as questões de imprensa. Agora é o sr. Hintze Ribeiro que desconsidera, que enxovalha, abertamente e brutalmente, a proposito do chefe Annes, o jornalismo do Porto.

O *Diario da Tarde*, que, por mais do que uma vez, tem desassombradamente posto em relevo os vicios do jornalismo em Portugal, registando o boato de que o governador civil do Porto recebeu do ministro do reino plenos poderes para supprimir todos os jornaes, que tenham a ousadia de commentar os acontecimentos occorridos na segunda cidade do paiz, observa com muito acerto:

> E d'ahi, talvez sua ex.ª esteja na verdade, mandando supprimir os jornaes. Elles não se encontram isentos de culpas e por isso mesmo recebem agora as desconsiderações que merecem. Sem a imprensa, o que seria dos nossos grandes politicos actuaes? Todos elles são productos mais ou menos grotescos, do noticiario, todos elles triumpharam, illuminados de aureolas flammejantes dos adjectivos das gazetas, com que appareceram ás multidões, deslumbrando-as. Foi para elles que se crearam as palavras solemnes de excelso, illustre, distincto, primoroso caracter, intelligencia admiravel, estadista insigne, orador fluente, homem de gabinete, talento penetrante de economista: e são elles que ainda hoje vivem d'estas mentiras supremas, córando de vergonha, talvez, n'uma hora de bom senso, mas exteriorisando a mascara do cynismo quando surgem ao ar livre.
>
> Sem a imprensa, o sr. dr. Adolpho Pimentel seria hoje—sachristão em Braga: o sr. Hintze Ribeiro, «a grandiosa figura da politica contemporanea, que enche o seu seculo de fulgôr» escreveria a estas horas, na sua aspera missão d'amanuense, officios tristes: o sr. conde de Paçô Vieira advogaria n'um julgado sertanejo. E ahi está uma cruel desaffronta:—Que os jornaes raspem das suas columnas os elogios a esta gente, que atirem para o limbo os telegrammas com girandolas de encomios aos membros do gabinete em villegiatura, que nunca mais fallem no «espirito equitativo» dos srs. commissarios nem na «envergadura moral» dos srs. governadores civis! No dia em que isto se observar á risca, declara-se a crise do regimen e a politica expira melancholicamente, com saudade das celebridades antigas.
>
> Ah! mas tudo isto não passa de uma illusão nossa! Volvido um mez sobre o enxovalho que a imprensa acaba de soffrer, será medonha a invasão das notabilidades que resuscitam nos jornaes, o sr. Hintze monopolisará todo o saber administrativo moderno, o sr. dr. Adolpho Pimentel entrará novamente na posse dos seus titulos de gloria e os srs. commissarios serão dôcemente acariciados com toda a sorte de ternuras e de expressões seductoras. Eis porque a imprensa perde a sua força moral para fazer vingar os seus protestos quando é odiosamente aggravada!

E' tal e qual.

A imprensa não será respeitada, nem considerada, emquanto se não respeitar e considerar a si propria. Aqui o escrevemos na ultima carta e assim o andamos a escrever ha muito no *Povo de Aveiro*. Sem ninguem nos ouvir. O que, aliás, pouco nos importa. Antes só que mal acompanhado.

E' tal e qual. Mas emquanto não fôr expulso das redacções o idiota e o canalha, estamos na mesma. Não é o articulista do *Diario da Tarde*, que tem o nobre e legitimo orgulho da sua intelligencia e do seu caracter, quem vae chamar *excelso, distincto, estadista insigne, orador fluente*, a qualquer borrabotas. E' outro borrabotas, que espera do primeiro a paga remuneradora da sua abjecção.

Em Portugal, quem não tem geito para sapateiro, ou dignidade para cobrador de monte-pios, faz-se jornalista. Se não é a regra geral, as excepções são, pelo menos, numerosissimas. Sobretudo, no que diz respeito á capacidade intellectual. Canalhas, ha muitos. A canalhice jornalistica é já uma coisa lendaria. Não diremos, comtudo, que os canalhas estejam em maioria. Mas os idiotas, no fundo tão prejudiciaes como os canalhas, é um a cada canto.

Não ha peste egual a essa. A corrupção, o desvairamento, a desordem lançada por elles na sociedade portugueza causa arrepios, quando a gente pensa a sério na obra pavorosa d'esses imbecis.

Depois, como o jornalismo,—o que o *Diario da Tarde* judiciosamente põe em relevo,—é a escada das grandezas n'esta terra, o patarata que uma vez n'elle se introduziu, directa ou indirectamente, lá vae a tudo, até a ministro. De fórma que a grande massa dos administradores da sociedade portugueza são dos taes que não dariam um sapateiro em termos ou um cobrador honesto.

Não é o jornalista altivo e intelligente que sóbe, é claro. A intelligencia e o caracter são orgulhosos. Quem os possue, não se roja como um reptil. O que sóbe é o safardana, que só na lisonja servil, ignobil, rasteira, poderá encontrar titulo que o recommende.

E' uma vergonha. Pega a gente n'uma gazeta e não vê, da primeira até á ultima linha, senão mentiras. Quer quando dizem bem, quer quando dizem mal. Sempre a mentira. Os amigos e as amigas são todos talentos e virtudes. Os inimigos são todos indignos. Ou os infamam, ou estabelecem em volta d'elles a conspiração do silencio. Quando as obras meritorias que praticam não admittem, de modo algum, torpes insinuações, calam-se. E' o ultimo expediente de que a torpeza lança mão.

Um homem que, no meio de tantos villões, tenha a coragem de dizer a verdade, é perseguido como um lobo. Quando mais não tenham que lhe chamar, chamam-lhe *malcreado, excessivo, desequilibrado, violento*, isto é, procuram todos os meios de tirar prestigio e auctoridade ás palavras que diz.

Depois, contradictorios, incoherentes, asnos, emfim.

Uma gazeta de grande circulação, que se fartou de applaudir, indirectamente, o assassinato commettido pelo cabo da *Guarda Municipal*, deitava, ha dias, prosa lastimosa sobre a nossa decadencia, o nosso relaxamento, a nossa desorganisação, a proposito do roubo das 12:000 cartas no correio de Cintra. Como se não fosse ella das que mais concorrem para o estado de anarchia em que vive a sociedade portugueza!

Não ha remedio para isto? Ha. Já na ultima carta o dissémos. Ha, se todos os que teem dignidade e intelligencia se quizerem unir, quizerem fazer um esforço para a obra suprema da salvação nacional. O que nos mata a todos é o desanimo, é a indolencia, é a falta de iniciativa. Tenha o leitor a insignificante energia de expulsar de sua casa toda a gazeta indigna. Saiba preferir, por interesse proprio e commum, o jornal redigido com seriedade e valor ao pasquim especulador e imbecil. E tenha o jornalista illustrado e probo, que ainda os ha, menos contemplações com partidos, facções, individuos, para proceder, tanto quanto possivel, em harmonia com a sua intelligencia e a sua consciencia. Isto não é muito. Mas isto basta.

Ponhamos de parte, de uma vez para sempre, este prurido ridiculo de boas pessoas a que todos obedecemos. Ser mau com os maus, é ser bom. E ser bom sem ser ridiculo.

No fim de contas, essa manía de transigir com tudo e com todos é uma manía que nos torna ridiculos. Pensem todos um instante e não terão difficuldade em se convencerem d'isso.

Somos ridiculos, somos asnos e somos vís. Porque o resultado de tanta transigencia não é outro senão fazermos sobrenadar o insignificante e o torpe, á custa do homem recto, intelligente, pundonoroso. Este vae para o fundo. E é aquelle que nos fica a mandar, a ludibriar e a explorar.

Asnos e vís. E' o que nos ha de dizer a consciencia, a todos nós, quando nos dermos ao trabalho de a consultar sériamente.

A. B.

Provisão do tempo

O tempo provavel que haverá de 9 a 15 é o seguinte:

De 9 a 12—Regimen forte do sudoéste. Depois tempo sêcco, calmo e com relampagos. Ao norte, vento fazendo redemoinhos de pó, especialmente em Castella, Portugal, Ciudad Real, Santander e Galliza, e ainda em Sevilha, Granada, Corunha, Huelva e Cadiz. Muito calor e trovoadas no littoral.

De 13 a 15—Tempo nublado com vento fresco e vivo do sudoéste e noroéste. Chuva em Castella, Navarra, alto Aragão, Murcia, Jaen, Granada e Badajoz. Sudoéste forte em Barcelona, Valencia, Cuenca, Albacete, Alicante e Mediterraneo. Noroéste em San Sebastian, Saragoça, Atlantico, Galliza e Asturias. Nas praias, ventos frouxos e frescos do sudoéste e noroéste. Trovoados lineares com alguma frequencia.

---

(56) **FOLHETIM**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XXI

Como se póde viver!

«Mais, mais, Senhor!» *Amplius, amplius, domine!* Este é o christão, o penitente, o stoico setenta vezes santo. Eil-o ahi vae vida fóra, caindo, erguendo-se, pondo peito ao baque da legião que o tenta, esgrimindo a um e outro lado com a cruz, com o hyssope; ora magestoso, ora ridiculo; mas vivendo, vivendo, até aos sessenta, e avante ainda, n'um viver que se nos figura a mais pavorosa das agonias!

Tal foi Braz Luiz de Abreu.

Quantas vezes o leitor, no decurso d'esta biographia, terá dito: «o homem vae morrer agora!

Morrer! quando será isso? Ha de ainda viver, depois de tanto veneno que lhe imborcaram, ha de viver dezeseis annos. Dezeseis annos! sósinho! alli em Aveiro, não sei em que rua d'aquellas, em qualquer casa das mais desaconchegadas, a rever na téla da phantasia o rosto da mulher agonisante, das tres filhas mortas, das duas fugitivas, sem que mais aos seus ouvidos soasse o nome d'ellas, nem dos sacrilegos raptores das divinas esposas! E, como elle pôde, em meio d'isto, escrever ainda dois livros, dois grossos manuscriptos, que não sei onde param, um chamado *Feniz Lusa*, referindo a vida e acções do serenissimo infante o senhor D. Manuel, filho de D. Pedro II; e outro intitulado: *Vida e acções do primeiro principe do Brazil para exemplar do nosso serenissimo principe D. José.*

Querem revelação para maiores assombros?

Em 1755, foi aquelle memorando terramoto de Lisboa. O padre Agustinho de Abreu, da companhia de Jesus, ia de Santo Antão para S. Roque, ao começar o tremor. Passava diante de uma casa que se estava derruindo, ouviu os clamores de dentro, entrou heroicamente para arrancar uma velha debaixo da conçoeira de uma porta, e ficou esmagado debaixo do tecto abatido. Já sabem que este jesuíta era filho do padre Braz. Pois, quando a nova d'este desastre chegou ao pae, seis dias depois, o velho de sessenta e quatro annos ajoelhou, orou, levantou-se, limpou as lagrimas que lhe tolhiam a leitura do seu breviario, e leu o psalmo *Miserere mei Deus.*

Que morte será pois a d'este homem para que se não diga que houve ahi angustia que podesse com elle? Ha-de ser a morte designada pelos seu biographos, a morte que o sr. Innocencio Francisco da Silva lhe assigna: «apoplexia fulminante, a tempo que estava sentado sobre uma cadeira.»

Eram corridos dez dias de agosto de 1756, quado no convento de franciscanos de S. Bernardino se fechou em sepultura raza o cadaver de Braz Luiz de Abreu. A memoria de suas mysteriosas desgraças será menos duradoura que o renome de medico abalisado que os contemporaneos lhe celebraram.

(*Conclue no proximo n.º*)

Tramways entre Aveiro e Porto

Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: De S. Bento, de manhã 7 6; de tarde, 6 51. De Aveiro para S. Bento: De manhã, ás 3-55 e 10 15; de tarde, ás 4 4.

De Alfarellos para o Porto—Partida: De Alfarellos ás 2 7 da tarde; chegada a S. Bento 7 45 da tarde. Este *tramway* liga com o comboyo da linha oéste, que sahe da estação central do Rocio ás 7 horas da manhã.

ANNUNCIOS

MINERVA

COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, cafs de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1$600 a 3$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; vel'as marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

A AMBIÇÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem remetter adeantamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

NESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encommenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedaes se responsabilisam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.

Vêr para crêr

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada masso, tripa estreita 260 réis cada masso, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

José Monteiro Telles dos Santos J.or

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Concerta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; óbtura a ouro, prata, platina, e á cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA

(Em frente da Estatua de JOSÉ ESTEVAM

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fôr applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

"Os ultimos escandalos de Paris,,

Grande romance de Dubut de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionaes e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificação dos factos relatados e pelas injustiças que esses mesmos factos frequentemente annuncia. *Brinde a todos os assignantes*: Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas côres e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um *premio* da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.

Assigna-se em todas as terras do paiz onde temos agentes, e na «Editora»—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO